

Economia

MERCADO DE TRABALHO

Mais de 42 mil perdem o emprego

O ano passado foi a primeira vez, desde 2003, que o Estado registrou queda no número de pessoas com carteira assinada

Dayane Freitas

Esta é a primeira vez, desde 2003, que o Espírito Santo perde empregos. Se em 2014 o número de pessoas com carteira assinada era de 967.728, no ano passado caiu para 924.742. O que resulta em uma diferença negativa de 42.986 vagas.

Esse é o saldo perverso da crise econômica, que se refletiu nos dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2015, apresentados ontem pelo Ministério do Trabalho.

Em todo o Brasil, a retração no mercado de trabalho fez o número de trabalhadores com carteira assinada cair de 49,6 milhões em 2014 para 48,1 milhões no ano passado, saldo negativo de 1,5 milhão de vagas de um ano para o outro.

O coordenador-geral de Estatística do Trabalho do Ministério do Trabalho, Mário Magalhães, avaliou que a situação de 2014 para o ano passado se agravou significativamente em todo o Brasil.

“Ano a ano, os resultados do saldo foram ficando mais modestos. De 2013 para 2014, já houve um redução muito grande, mas o quadro não estava negativo. Em 2015, a queda foi bem acentuada, e o que espantou foi a velocidade com que isso aconteceu”, destacou Magalhães.

Apenas três estados registraram crescimento nas vagas em 2015: Piauí (3 mil postos); Acre (2,8 mil); e Roraima (2,2 mil).

No Estado, segundo a Rais, quatro setores tiveram as piores variações absolutas nas contratações.

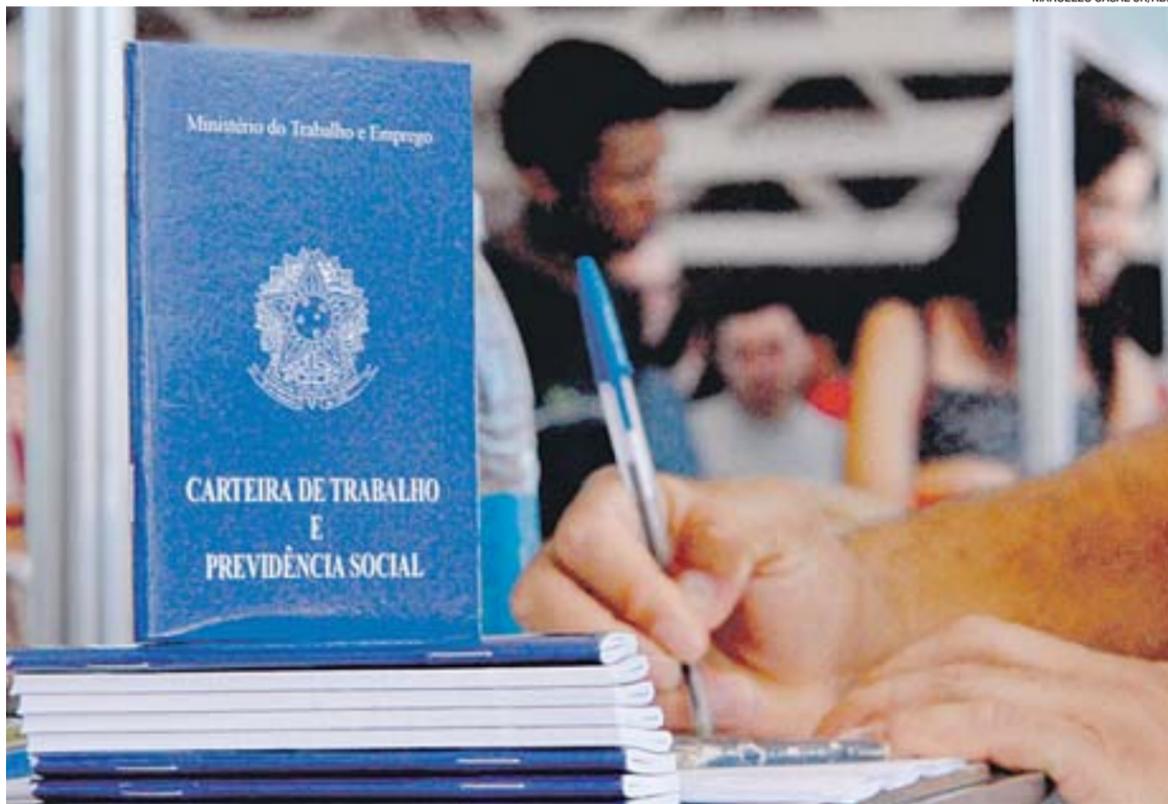
O de Serviços reduziu o número de carteiras assinadas em 16.538. Passou de 342.530 em 2014 para 325.992 em 2015. O Comércio, que tinha 207.744 carteiras assinadas em 2014 passou a ter 199.001, ou seja, foram menos 8.743 postos de trabalho. Já a Construção Civil, que empregou 56.721 trabalhadores em 2014 passou a ter 48.464 em 2015 (-8.257 vagas).

A Indústria de Transformação reduziu 7.246 vagas, passando de 128.587 carteiras assinadas em 2014 para 121.341 em 2015.

Divulgada anualmente, a Rais é mais abrangente que o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Além dos trabalhadores com carteira assinada, engloba o setor público.

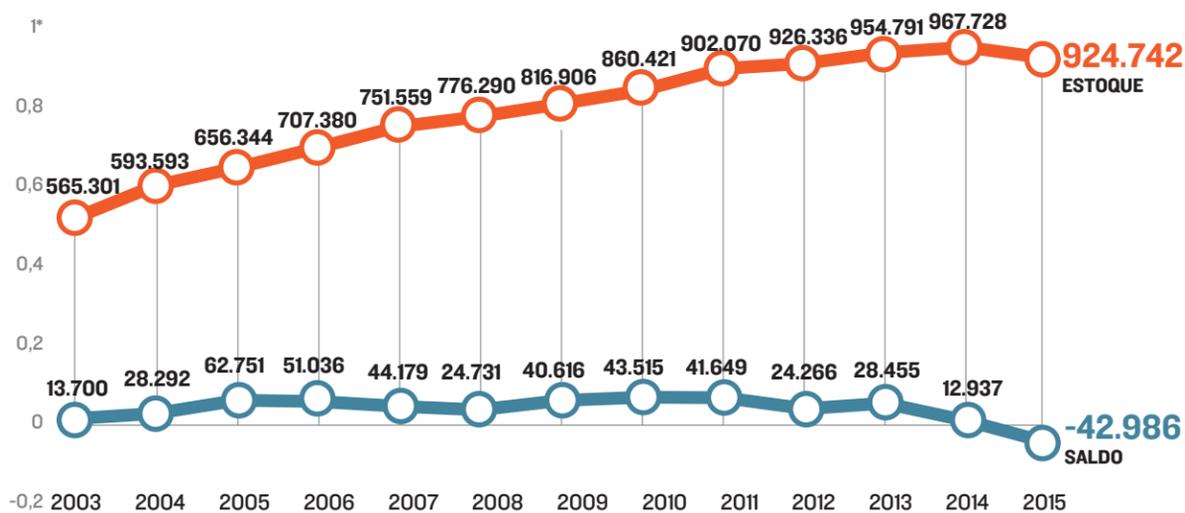
“Em 2015, a queda foi bem acentuada, e o que espantou foi a velocidade disso”

Mário Magalhães, coordenador-geral de Estatística do Ministério do Trabalho



CARTEIRA DE TRABALHO: em 2015, número de pessoas com carteira assinada no Estado caiu para 924.742

ESTOQUE E SALDO DO EMPREGO FORMAL DE 2003 A 2015



Fonte: Ministério do Trabalho.

Vagas para arrimos de família caem

Considerados “arrimos de família”, em muitos casos, os profissionais com idades entre 30 e 39 anos viram as vagas com carteira assinada reduzirem significativamente de 2014 para 2015 no Estado.

Trabalhadores dessa faixa etária, que chegavam a 293.587 em 2014, no ano passado reduziram para 286.613, uma variação absoluta negativa em 6.974, a terceira pior no levantamento da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2015, apresentado ontem pelo Ministério do Trabalho.

Em primeiro lugar na redução de carteiras assinadas estão os jovens de 18 a 24 anos (-19.278); e os de 25 a 29 anos (-12.363).

A explicação para esses números está no aprofundamento da crise econômica, segundo o coordenador-geral de Estatística do Trabalho do Ministério do Trabalho, Mário Magalhães.

“No primeiro momento da crise, as empresas demitiram mais jovens, que costumam ter menos ex-



SETOR de construção civil foi um dos mais afetados pela crise econômica

periência. Mas, com o agravamento da situação, em ramos como indústria, comércio e construção civil, as empresas precisaram cortar ainda mais custos e foram forçadas a reduzir a mão de obra mais permanente”, explicou Magalhães.

Ele ressaltou que isso é ainda

mais danoso para a economia.

“É ruim para a sociedade. Por mais que o desemprego dos jovens traga impacto, do ponto de vista do tecido social a família está mais preservada do que com o desemprego dos mais velhos”, disse Mário Magalhães.

Recuo no rendimento médio dos trabalhadores

As demissões em massa e as novas contratações por salários inferiores afetaram os rendimentos médios reais dos trabalhadores brasileiros. O recuo foi de 2,56% em 2015 em relação a 2014, segundo dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) de 2015, apresentados ontem pelo Ministério do Trabalho.

Em valores absolutos, a remuneração média individual no Brasil caiu de R\$ 2.725,28 em 2014 para R\$ 2.655,60 no ano passado. Já no Espírito Santo, os salários que em 2014 eram de R\$ 2.469,19 caíram para R\$ 2.360,68, redução de 4,39% de um ano para o outro.

Apenas dois estados obtiveram ganhos reais nos rendimentos em 2015, segundo a Rais: Distrito Federal (1,42%) e Amapá (2,64%). Em todos os outros, houve redução do poder de compra.

Os rendimentos médios dos homens e das mulheres em 2015 apresentaram perda real de 2,95% e 1,73%, respectivamente, em relação a 2014. No caso dos homens, caiu de R\$ 2.950,51 em 2014 para R\$ 2.863,55 em 2015. Entre as mulheres passou de R\$ 2.431 para R\$ 2.388,98.

No Espírito Santo, os homens também tiveram maior percentual de redução salarial do que as mulheres (apesar de a remuneração deles ser mais alta).

Enquanto o recuo para eles foi de 4,51%, para as mulheres foi de 3,87%.

ANÁLISE

Arliton Teixeira,
Ph.D. em Economia



“Brasil era um carro desgovernado”

“Outros países, que também têm dependência forte de commodities, como a China, e que sofreram com a queda nos preços, apenas reduziram sua taxa de crescimento. Já o Brasil, entrou em recessão.

Isso aconteceu não por causa das commodities, mas pelas políticas econômicas errôneas, essa “orgia fiscal” do setor público, que destruiu empregos. O Brasil era um carro desgovernado.

Mas, a partir de agora, o País já dá mostras de que a situação se reverterá. O novo governo ainda não cortou gastos, mas, ao menos, já sinalizou que irá fazer isso, ao enviar ao Congresso a PEC do teto de gastos. A estimativa é que o ano que vem já seja de crescimento.”